

Rui Zink

Hotel Lusitano

Prefácio
Richard Zenith



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Rui Zink

© 2011, Planeta Manuscrito

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Março de 2011

Depósito legal n.º 323 981/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-161-0

www.planeta.pt

*Hotel Lusitano Revisited**

Richard Zenith

Um americano vem para Lisboa em 1987. Entre outras atividades, dedica-se a escrever, ou a recolher ideias para escrever, um romance. Por isso, está atento a tudo o que vê e vive...

Filas. Em todo o lado as fazem, um fenómeno cuja universalidade ele só descobre ao fim da quarta vez em que apanha um autocarro sem ter percebido que as outras pessoas estavam organizadas segundo a ordem de chegada à paragem. Das primeiras três vezes é perdoado, por ser um jovem estrangeiro despassarado, mas à quarta vez alguém protesta, dando início a um pequeno motim.

Revolução. É ainda um tema vivo e apaixonante. No aniversário do 25 de abril e no primeiro de maio as ruas enchem-se tanto como as de Nova Iorque na passagem do ano, mas aqui por uma causa nobre, em prol de um mundo novo, social e politicamente mais justo. Os amigos portugueses explicam-lhe que o mundo novo ficou bastante aquém daquele que a Revolução parecia prometer. Mesmo assim, os primeiros dias dessa promessa foram tão fortes, tão marcantes, que as suas vidas ficaram para sempre transformadas. Sentado com eles em

* Texto escrito, por critério do autor, ao abrigo do novo acordo ortográfico.

banquinhos à volta de mesas com tigelinhas cheias de pipocas, repara que algumas pessoas, quando se toca Zeca Afonso, cantam em surdina e fecham os olhos reverentemente. Cada amigo ou amiga conta a sua história pessoal do 25 de abril, com anedotas sobre como as pessoas mais improváveis – uma velhota doida e resmungona do rés-do-chão, por exemplo – foram contagiadas pela alegria da liberdade. Uma revolução branda, sem violência, porém com grandes consequências e grande emoção.

Cinzento, castanho, verde-escuro, preto. São as cores que as pessoas vestem. A alegria revolucionária ainda não chegou ao vestuário. Os interiores das casas também são escuros, iluminados por lâmpadas de 25 watts. Todo o mundo poupa, poupa. Um dia, no entanto, o americano visita a universidade e depara com uma Lisboa diferente, com ambientes mais claros e pessoas mais altas e mais elegantes, vestidas de todas as cores. Qualquer coisa está a mudar.

Cidade do sul, quase tropical? No inverno, mesmo nas casas de pessoas endinheiradas, o aquecimento é uma raridade. No quarto que alugou na Pascoal de Melo com direito a banho quente dia sim, dia não, nem sonhar. Quando vai a um concerto na Gulbenkian, o tossir do público, entre os andamentos de uma sinfonia, é tão alto que parece querer fazer concorrência às percussões. Ele também tosse. A senhora que lhe aluga o quarto gelado diagnostica: bronquite.

Cidade barata. Para quem tem dólares, entenda-se. Uma viagem de táxi custa-lhe um dólar. Um filme: dois dólares. Um jantar com vinho: cinco. Um concerto na Gulbenkian: seis. Isto não pode durar.

Pouco capitalista. Entra numa ourivesaria para comprar um fio de ouro que uma amiga de Buffalo lhe encomendou,

sabendo que custaria muito menos aqui. Ele explica o que pretende e quanto pretende gastar – uns *quinze* contos – ao dono da loja, que ouve atentamente e responde, sem pressa: «Muito bem, senhor, mas agora são *treize* horas e vamos fechar para o almoço. Não pode voltar mais tarde ou amanhã?» Assim, este país não vai longe.

O jovem americano de 1987 quase poderia ser o narrador de *Hotel Lusitano*, mas não, era eu próprio. Rui Zink foi uma das primeiras pessoas que conheci em Lisboa. Com ele e outros amigos passei longas noites nos bares semi-sórdidos do Cais do Sodré, sendo o nosso preferido o Bar Lusitano (extensão do hotel homónimo?). Era também frequente eu e o Rui passearmos por Lisboa durante o dia, conversando sobre política, projetos pessoais, namoros e até de literatura, sendo as conversas interrompidas de cada vez que passávamos por uma sala de jogos, cujo «chão negro-sujo de serradura, escarros e beatas, e três dezenas de máquinas de jogos ao longo das duas paredes laterais» (*Hotel Lusitano*, capítulo 8) exercia uma poderosa atração sobre o jovem autor. O seu primeiro romance, publicado no ano anterior, foi um dos primeiros que li em Portugal e passar tempo com o Rui era como viver o que eu tinha lido. Admirei, tanto no livro como no seu autor meu amigo, a frescura do olhar, a insistência em contestar sempre e a espontaneidade expressiva. Ver e descrever Lisboa do ponto de vista de dois turistas americanos era uma maneira inspirada de reunir e realçar essas três virtudes.

Acabo de reler *Hotel Lusitano*, ao fim de todos estes anos, e fiquei espantado com a vivacidade e a veracidade do seu retrato de Lisboa e da vida portuguesa tal como eram e já não são. A burocracia diminuiu e, com ela, as filas nas repartições,

enquanto as dos autocarros já não são militantes: os olhos das pessoas estão postos noutros horizontes. Para melhor ou para pior, o feriado de 25 de Abril é para ir à praia, se por acaso houver sol. Já quase não se veem aqueles tristes fatos e camisolas de cores indefinidamente escuras. Hoje, o aquecimento é comum, embora ainda se tussa bastante nos intervalos dos concertos gulbenkianos, a que agora assisto com menos frequência, uma vez que deixaram de ser baratos. Portugal encaixeceu e ficou decididamente capitalista. Os portugueses, que eram o povo mais poupado da Europa, passaram a ser o mais endividado. Instalou-se uma ansiedade consumista que, além de feia, é uma nova maneira de o país ser triste.

O hotel lusitano tornou-se, talvez, excessivamente americanizado. Mas não sou saudosista. Deus nos livre do saudosismo. Aproveitemos a elaboração de novos dicionários (necessários devido ao Acordo Ortográfico) para eliminar a palavra *saudade* da língua portuguesa.

A crise de sempre tomou outras proporções e muita coisa ficou torta, errada, pois o hotel abriu todas as janelas e portas e, por elas, entraram novos problemas, novas incertezas. Também entrou muita luz e muito ar. Portugal, de qualquer modo, não vai escapar ao destino da Europa, digo, da Europa «periférica». Se por acaso este for o descalabro geral, ainda bem que o hotel fez obras para criar um terraço-bar, onde podemos desfrutar do sol enquanto bebemos um bom vinho nacional (uma das coisas que melhoraram consideravelmente nos últimos 25 anos), ou até uma caipirinha portuguesa, bebida solar por excelência.

Fevereiro de 2011.

«E não te esqueças never que o love é como os autobuses: perde-se um, apanha-se outro.»

Dina, 10.º D

«Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre que aqui escrevesse, ao menos ia até ao quintal.»

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*

Pois porque

Era no mínimo significativo que estivéssemos em vésperas de abertura das XXI Olimpíadas da Era Moderna. A tarefa que me propunha era ela também, a seu modo, musculada.

Tinha um título (o que já não era mau, havia quem começasse com menos) e uma intenção: escrever cento e sessenta páginas em meia dúzia de meses. Era projecto tão ambicioso como outro qualquer; era apenas um projecto, por enquanto, que cabia a mim e à minha fraqueza tornar ou não realidade. Não era o primeiro que me propunha levar a cabo, não é preciso ser bruxo para o adivinhar, basta saber deduzir, a relativa genica com que inicio estes parágrafos de abertura não se aprende num dia.

Porquê cento e sessenta páginas e não cento e oitenta, ou, digamos, duzentas ou quatrocentas ou, já agora, apenas umas económicas trinta linhas, então isto era ao quilo? A resposta é simples, tratava-se de uma estratégia de publicabilidade.

Uma história começa sempre por um faz-de-conta, por um era uma vez. Esta, mau grado o tom de metadiscurso

«vérité chanel», não é excepção. Suponhamos então que eu vivia num país civilizado, a América, por exemplo. Nasci em Newark, vivo actualmente em Nova Iorque, e isto não é um mero jogo de palavras, é mesmo a sério, é mesmo assim.

Tenho vinte e poucos anos e sou um dos mil duzentos e cinquenta e sete jovens-prometedores-candidatos-a-literadores que vieram para a capital do mundo tentar a sorte com uma grande editora, após ter ganho uns quaisquer jogos florais de cidade-subúrbio.

Eu, creio, tive mais sorte do que outros, o prémio tinha maior nomeada, embora o júri fosse a mesma velha nódoa. Enganam-se sempre, para meu bem tinham-se este ano enganado comigo.

O certo é que quando dei por mim tinha quase assegurada a minha primeira edição pela Randall House, de Manhattan. Estava prometido mesmo antes de eu ter escrito a coisa, só se eu fizesse mesmo muita asneira é que isto não ia para a frente. Também, no mundo da literatura, dá demasiado nas vistas triunfar sem um mínimo decente de talento, malgré tout isto aqui não é o cinema, onde todos julgam que vêem mas ninguém vê.

(Perdoem-me o francesismo, mas sempre tive o secreto fascínio pelos escritores do Sul, Tennessee Williams, Truman Capote, Blanche Dubois. I always relied on the kindness of strangers, quem diabo disse isto?)

Assegurada, assegurada, mas calma aí, non troppo veloce, convinha não me excitar demasiado, que podia dar enguiço.

«Só se for novela», tinham-me dito eles, vinte e quatro mil palavras, nem mais um pronome possessivo, uma conjunção copulativa ou até, imagine-se, um hífen, o pormenor a que aqueles gajos chegaram com a mania dos computadores.

Mas não poderia ser livro de contos? «Não», disseram. «As pessoas não compram livros de contos.»

E se for romance?

«Não», disseram. «Ninguém compra listas telefónicas a um estreante», disseram. Eu engoli, claro, não estava em condição de protestar, já muito bom era ser-me concedida a oportunidade de publicar, depois se veria.

Depois se veria. Havia de chegar o tempo em que as editoras me viriam comer às mãos, haviam de ver. Hão-de ver.

Nisto ruminava eu enquanto pré-assinava o contrato, uma espécie de garantia para ambos os lados, mais para o deles que para o meu, assegurar que o pássaro não lhes fugia caso soubesse mesmo piar. Eles não tinham nascido ontem. Eu sim.

Entredentes, eu ainda balbuciara que tinha em mente um projecto monumental, assim mais ou menos a história dos Estados Unidos («os EUA, agora em versão integral...») retratada em jeito de metáfora através da saga de uma família, desde os ascendentes, rudes pioneiros oriundos da Mother England, até aos descendentes, prósperos empresários com interesses nos vários cantos do mundo, e o benjamim deles a ser candidato a Presidente pelo Partido Republicano, com o apoio não só de todo o Congresso como ainda dos liberais independentes e das comunidades negra e judia de costa a costa.

Que Irving Wallace já fizera algo do género, limitaram-se a comentar secamente. E o melhor seria ater-me a algo

de menos ousado (megalómano era o verdadeiro sentido do vocábulo, percebi-o claramente).

Before you learn how to fly you'd better learn how to fall, como dizia o cantor. Antes de aprenderes a voar, aprende a cair.

Até então eu só tinha escrito coisas curtas, muito distantes do apesar de tudo respeitável meio-pesado que me propunha agora enfrentar.

E ainda estava no zero. O opúsculo com o qual eu ganhara o tal prémio dividia-se em duas partes: contos e poemas. O seu carácter era confessional e tratava (inevitavelmente, se calhar) quase só de situações e sentimentos relacionados com o ocaso da adolescência, cheio de revelações ingénuas e observações desajeitadamente literárias sobre *A Maravilhosa Descoberta do Amor*, *A Rapariga da Casa do Lado*, *A Primeira Noite*, etc.

(Um dos textos, indiscutivelmente o melhor, tinha aliás o pavoroso título de *Uma Nuvem Pairante*...)

Desta vez queria fazer algo diferente. Desde logo, menos intimismo e mais acção. Para quê fazer retratos? Eu não era fotógrafo...

O mesmo dizia o meu companheiro de apartamento em Nova Iorque, para onde eu viera à procura do Ambiente Propício à Produção Artística, Larry Brunatti, um ítalo-americano de Brooklyn com aspiração a pintor.

(Digo aspiração, mas podia, devia dizer que era mesmo pintor – só que, naquela altura, de paredes. Daí lhe vinha o dinheiro para sustentar a *sua* pintura.)

O desmazelado tugúrio de duas assoalhadas – o meu quarto e um atelier com colchão no meio das telas – em que eu desembarcara de máquina de escrever como única bagagem estava subalugado a Larry havia dois anos, pelo que a renda não era mortal. Ficava em plena Greenwich Village e fora anteriormente ocupado por ele e pela namorada. Só que tinham posto termo à relação, ela regressara à terra e ele vira-se obrigado a arranjar um novo parceiro para pagar o aluguer.

Não levou muito tempo até que de co-inquilinos nos tornássemos óptimos amigos. Não vale a pena contar os pormenores.

De italiano Larry apenas tinha, vá lá, a exuberância. Sabia encomendar outros pratos que não esparguete ou pizzas, tinha cabelo claro e nunca lhe vi nem um padrinho da Máfia. Nem sequer (oh, escândalo!) era católico e contra o aborto. Para além do facto de ser mais alto do que eu, que não sou propriamente aquilo a que se chama um anão, com os meus seis pés¹.

Sou a prova viva, rapaz – disse-me ele, um dia –, de que até os sistemas mais perfeitos têm os seus erros.

Por outras palavras: nem todo o pizzolino era necessariamente piccolino.

Da pintura que Larry faz, só o destino sabe se tem piada ou não. Eu gosto, comecei por não gostar nada, depois fui gostando aos poucos e acabei a gostar muito. Mas isto de gostos já se sabe, são assim, dependem de.

¹ 1,83m. (N. do T.)

Resumindo e concluindo, eu desenhava-me para escrever uma história, em Nova Iorque, o americano sem mestre. Pou-pava os dólares que me tinham sido adiantados bem poupa-dinhos, até o ar respirava às mijinhas, com medo de o gastar todo de uma vez. Falhava-me a imaginação, assustava-me a empresa – suponho que é compreensível. Em contrapartida, Larry não parecia nada abatido com a sua recente separação da petite amie. Ele esmagava-me um pouco com o seu contínuo bom humor, bem como com a sua capacidade de trabalho. E, mais ainda, a sua capacidade de preguiça. Havia uma semana que praticamente parara de pintar, por causa dos Jogos Olímpicos na televisão. Eu não conseguiria estar tanto tempo assim sem ficar nervoso. O seu desporto preferido era o boxe, a seguir (e aqui eu concordava) o atletismo. Quando estávamos disponíveis, costumávamos fazer jogging ao fim da tarde, na altura de menos calor, isto é, menos poluição abafada.

Era o problema de Nova Iorque: climatericamente insuportável no Verão e no Inverno.

Volta e meia, Larry tinha visitas nocturnas e, como os nossos quartos eram contíguos, frequentemente eu não podia deixar de ouvir os sons vocalizados que ilustram o amor, por mais que me esforçasse (honestamente!) por adormecer. Ainda me cheguei a lembrar de sacar do bloco-notas – talvez a forçada insónia ainda fosse ser instrutiva para os meus ficheiros de Facetas-da-Vida. Mas não, era inútil, só gritinhos, risos e gemidos, pelo que ao fim de umas semanas desisti de esperar que Mr. Brunatti me brindasse com Uma Relação Profunda.

Para variar. A mim também não me desinteressavam as mulheres mas, como sempre que me mostrava sinceramente interessado o caso dava bota, decidi passar a atacar com a técnica contrária, ou seja, a não investir. O resultado não foi brilhante, mas passei a desiludir-me menos.

Uma história, uma história. Os recordes eram batidos no ecrã de televisão, os quatrocentos metros barreiras, as provas de natação, masculinas e femininas, o salto em altura, o lançamento do peso. Por exemplo, na ginástica os Chineses andavam a arrebatam as medalhas todas. E eu para ali às voltas no quarto, a deitar as mãos à cabeça. Não quero fazer melodramas, mas eu até abdicara de ir ver o último filme do Woody Allen, meu (como de meia Village) incondicional herói. Os judeus estão sempre na moda, lera eu uma noite dessas no WC do Fuch's Bar.

(Grande verdade.)

Não que eu estivesse propriamente liso, simplesmente tinha de prestar atenção aos excessos. Nova Iorque, segundo a *Encyclopedia Britannica*, é uma das dez cidades mais caras do mundo, não é brincadeira nenhuma. A terceira, ao que consta, a seguir a Oslo e Tóquio. Tratava-se de uma questão de contexto, nada mais.

Isso fez-me pensar. Se o problema era o contexto X, isso significava então que no contexto Y provavelmente já a conversa seria outra, hambúrgueres, pizzas e vida boa.

Passeando, vagueando pelas diversas ruas e avenidas, 55.^a, 49.^a, 36.^a, numa involuntária contagem decrescente, ao sabor do calor e do vento, que soprava de bombordo, eu ia tentando arquitectar uma história, e ao mesmo tempo reflectindo sobre as exíguas possibilidades que ainda havia de eu criar um espaço próprio, de contar uma história *à minha maneira*, neste mundo superpovoado de intrigas.

Nas montras das lojas, inúmeros televisores transmitiam dezenas, centenas de histórias por dia, independentemente da cor dos canais. Policiais, românticas, de terror, drama familiar, comédia, cowboys, musicais, ficção científica, desenhos animados e o mais que lhes desse na bolha e fizesse crescer folhas de couve nas hortas bancárias.

Nas bancas de jornais, os romances cor-de-rosa vendiam-se aos milhões, as revistas de quadrinhos eram em número infinito, o Homem Aranha salvava a cidade duas vezes por mês, Fu Manchu ameaçava a humanidade todas as quartas-feiras.

Uma coisa de que eu não abdicava (não podia, se não nos mantemos informados cristalizamos) era da minha revista de crítica literária preferida, a *Esquire*.

Da Europa chegavam desde há alguns anos notícias de que por lá, sobretudo em França, continuava em moda escrever romances e novelas sem história, fio condutor, sem um antes e um depois, sem personagens, sem peripécia, sem momentos de tensão; sem aventura, enfim. O romancista mais famoso, diziam, era um professor de Linguística cha-

mado Roland Barthes – um francês, evidentemente, como já o era Robbe-Grillet.

Parece que a ideia era Devolver à Palavra finalmente o seu Valor Intrínseco, deixar vir ao de cima Toda a Beleza do Simples Soletrar das Frases sem que o Tremendo Sentido desse Ser-Forma sofresse a Castradora Repressão do Maniqueísta Estigma da narrativa. Devia ser mais ou menos isto, mas eu não estava cem por cento seguro de ter compreendido bem. A teoria não era o meu forte, e parecia-me que se estava a tentar reduzir a prosa à linguagem da poesia, quando, na minha opinião, a prosa era muito mais do que simples poesia: *era vida*, não apenas tradução do seu pulsar ou artificial manipulação das palavras. A prosa tinha coisas por trás das palavras, não era só palavras.

Mas, enfim, eu deixava-me ficar por uma dúvida metódica, nunca se sabia afinal se um dia destes eu não daria ainda em poeta. Acontece aos melhores.

Foi por essa altura que me surgiu o desejo de ir passar uma temporada de instrução europeia a Paris, e contei o caso a Larry.

– Eu também sempre me deu ganas de ir à Europa – ponderou ele, acariciando a ideia. – E tenho umas massas. Não sei é se serão suficientes para me aguentar por lá um par de meses. Que ir à Europa por menos tempo não vale a pena. Não se aprende nada.

Larry gostaria de ir ao Louvre, como era de adivinhar. Contudo, acabámos por desistir da ideia, depois de termos falado com Fred, um amigo de Larry que tinha estudado em Toulouse durante um ano.

– Se não têm dinheiro suficiente, não vale a pena – desiludiu-nos. – La France, c'est cher, mon cher.

Larry e eu entreolhámo-nos, e engolimos em seco a ideia de Paris e do Louvre. No entanto, o bichinho da EUROPA continuou-nos atravessado na garganta. Mas – qual a alternativa?

A Europa atraía-nos como a merda atrai as moscas, passe a comparação. Ao fim e ao cabo, ainda a ressentíamos como nossa avó espiritual, e invejávamos-lhe a história.

Inglaterra, Suécia, Itália, Bélgica, Espanha, as capitais do velho continente, Berlim, Madrid, Copenhaga, Atenas, Amesterdão, oh, oh, la vie en rose, mucho me gusta su ciudad señorita, danke meine Herren, mein Führer, che meraviglia, o sole mio, björn borg. Um caos de línguas para uma série de minipaíses atravancados uns sobre os outros, a tentarem desesperadamente fazer concorrência às reais potências, nós, a China, a Rússia.

Estranhamente, Larry nunca sugeriu a Itália. Teria ele medo de comprovar que de italiano já só tinha uma recôndita mitologia em terceira mão e o apelido?

Nós também éramos excessivamente exigentes. O que pretendíamos era algo que, sabíamos bem, era extremamente difícil de encontrar, se não impossível: um país onde não nevasse e fizesse sol no Inverno; um sítio que fosse simultaneamente barato e europeu. A África ou a América do Sul não nos interessavam. Queríamos paz, conforto, ambiente culturalmente aprazível.

Assim de cor não chegávamos a lado nenhum, e Larry decidiu passar ao contra-ataque. Foi aos armazéns Miller e, ignorando aristocraticamente as câmaras de televisão escondidas, surriprou, com o mais encantador dos à-vontades (tipo paso doble), um mapa da Europa, ah, grande Europa, não desespere, que estamos quase a chegar.

– As câmaras escondidas – industriou-me Larry, minimizando o seu arrojado gesto – são uma treta.

E prosseguiu:

– É um facto indesmentível que elas me vêem, faça eu o que fizer. Mas repara: se por acaso o homenzinho de serviço estiver a dormir, não são elas que irão dar aos pedais para me agarrar, prrrriiii, polícia, stop, you are under arrest, como nos filmes. Eu confio nas máquinas-vídeo do supermercado. Mas confio ainda mais na asneira humana. Mera estratégia de dissuasão, como os mísseis – concluiu. – As estatísticas mostram que há mais pessoas a conseguir controlar a sua cleptomania nas lojas que estão assim equipadas.

Sorriu.

– Um assaz eficaz método de inocular a moralidade nos cidadãos.

Estendemos avidamente o mapa sobre a cama de Larry, já que o seu quarto não tinha mesa e a minha estava ocupada pela máquina de escrever mailas fracas tentativas que eu esboçara de encontrar um argumento para uma novela. Tentara já várias sinopses, sem grandes resultados. A última consistia aproximadamente numa versão adaptada da *Alice no País das Maravilhas*. Seria a história das desventuras de

uma jovem imigrante nicaraguense à descoberta de Nova Iorque y sus armadilhas y virtudes. As duas páginas em que sintetizara a intriga (pessimamente alinhavada, diga-se de passagem) jaziam ao lado do cesto dos papéis – nunca fui muito bom em basquete.

Subitamente, Larry soltou uma imprecação e, de um pulo, acendeu o televisor.

– Merda, ia-me esquecendo! Deixa lá o mapa, por agora temos coisas mais importantes a fazer!

– O quê? – inquiri atónito.

Larry olhou-me como se eu fosse anormal. Ou melhor, pensando bem, olhou-me como me olhava normalmente.

– A MARATONA! Já te esqueceste de que hoje é o último dia dos jogos? Bolas, já deve ter começado.

Com efeito, tínhamo-nos esquecido da maratona, a prova máxima dos Jogos Olímpicos. Duas centenas de homens a correrem quarenta e dois quilómetros era excitante como espectáculo, há que reconhecer.

– Não te preocupes – sosseguei. – Mesmo que tenha começado há meia hora...

– Chiu.

As imagens surgiram no ecrã, e uma estrada cheia de corredores materializou-se magicamente dentro da caixa rectangular. Eu acertei nos cálculos, a corrida começara há pouco.

– Ah, ainda não houve golos – disse Larry, respirando fundo.

– Espero que o Alberto Salazar ganhe...

– Por que não havia de ganhar? É o maior.

– Há aquele australiano, o tal Roy, ou Rob, ou Rob Roy, de Castilla... O *Village Voice* aponta-o como favorito.

– Desde quando acreditas no *Voice*?

Neste momento ia na liderança um holandês pernalta, logo seguido de uma série de negros africanos, da Tanzânia (da Tarzânia?), do Quênia, dos Camarões... Os favoritos, esses, ainda iam no meio do pelotão, deixando os mais imprudentes desgastar-se à frente. O locutor noticiou que em Los Angeles estavam 30 graus. Uma senhora temperatura...

Mas a organização tomara americanas precauções e tinham sido instalados ao longo da estrada chuveiros e bancas com esponjas molhadas e botijas de água, o que sempre ajudava a refrescar os atletas.

– Admiro o estofo destes gajos – declarou Larry, solene.
– Porra, é preciso ter fibra para aguentar um esforço monstro destes.

– Vou fazer pipocas – informei. – Chama-me se houver algo de interessante.

Na cozinha, pus a panela com o milho e o óleo ao lume e abri o frigorífico, para retirar duas Budweiser geladas. Hesi-tei por um instante e acabei por retirar mais quatro latas. O calor do combate encarregar-se-ia de despachar as primeiras com maior rapidez do que habitualmente. E aquela prova só se realizava de quatro em quatro anos. Como as eleições.

Funguei um pouco. Do atelier de Larry vinha o cheiro das tintas frescas e da terebintina. Sempre me parecera espantoso como Larry podia dormir ali. Agora, no entanto, assim suavemente confundido com o odor do milho a assar, o cheiro já não desagradava de todo.

– Então, novidades? – perguntei, regressando com as cervejas e o balde de pipocas num tabuleiro.

Larry torceu o sobrolho.

– Ainda é cedo para falar, mas parece que o Salazar nos vai dar uma nega. Está a deixar-se ficar muito para trás.

No ecrã surgiam agora imagens do desmesurado estádio principal, onde a corrida iria terminar. A multidão formava uma massa informe em torno da pista central, como um anel multicolorido. Deviam estar ali mais de cem mil espectadores – tomara eu a décima parte de leitores para a minha novela, pensei. Mas logo a seguir abanei a cabeça. O que estava eu para ali a dizer? Ainda nem sequer sabia se havia gambozinos na costa e já estava a vender a sua pele?

Passou-se uma hora, nova panelada de pipocas e mais uma rodada de cervejas. Tínhamos esgotado as reservas de Fort Knox.

– Eu vou à loja do coreano buscar mais – grunhiu Larry, de mau humor. – De qualquer modo, o merdas do Salazar já está fora da jogada.

E estava. Nesta altura já um grupo de reais candidatos ao título olímpico se destacara no terreno, e o nosso idolatrado campioníssimo não se encontrava entre eles. Lancei a minha tirada filosófica favorita:

– Bem, não se pode ganhar sempre.

Estava-se já no trigésimo terceiro quilómetro. Só mais nove mil duzentos e cinquenta metros e ter-se-ia um vencedor.

– Aposto que é o matulão australiano – desafiou Larry, antes de sair.

Olhei com mais atenção para o ecrã. Ao lado de Rob de Castella, colado a ele que nem uma lapa, ia um pequenitates, com um ar fresquíssimo da silva, ao contrário dos outros,

Então, miraculosamente, o locutor começou a fazer o historial de vida daquele que ia ser o vencedor da maratona olímpica 1984, saciando assim a nossa natural curiosidade.

– Quer dizer, portanto, que o homem é de Portugal...

– Onde é que fica Portugal?

«[...] Pequeno país vizinho da Espanha, situado na Península Ibérica...»

– Espanha? – exclamou Larry. – Então é Europa!

«[...] Apesar de ser actualmente um dos mais pobres, é contudo uma pátria gloriosa de [...]»

– Pobre?!? Então quer dizer que é barato!

Nesse instante a locução, que já estava a apresentar imagens do atleta com a família, com o filho ao colo, etc., interrompeu-se, pois ele entrara nesse preciso momento no estádio, onde a ovação que o recebeu não escondia o desapontamento daquela malta toda por não ter sido Salazar a surgir em primeiro, muito embora o ecrã gigante através do qual tinham seguido a transmissão da CBS já há mais de um quarto de hora mostrasse que assim não seria. Mas nada como verificar in loco, não é?

Larry e eu aproveitámos a deixa para nos debruçarmos sobre o mapa, que entretanto – como era previsível – se mantivera quieto e discreto durante aquele tempo.

– Confirma aí – disse Larry. – Vê se localizas esse tal de «Portugal».

– Cá está! – articulei, vitorioso, ao fim de uma ligeira errância sobre o plano do mundo. – É mesmo como a TV disse, é na Europa!

– E é barato! – bradou Larry.

– Ámen – murmurei, abençoando a dedução de Larry.